

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
IARTE - INSTITUTO DE ARTES  
ARTES VISUAIS

BRUNNA AUGUSTA MONTEIRO PEREIRA

**Sobre nós, laços e afetos**

UBERLÂNDIA- MG  
2021

BRUNNA AUGUSTA MONTEIRO PEREIRA

## **Sobre nós, laços e afetos**

Trabalho de conclusão de curso apresentado no curso de graduação Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia (MG) Campus Santa Mônica – como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Licenciatura e Bacharelado.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Clarissa Monteiro Borges.

UBERLÂNDIA- MG

2021

Banca examinadora:

---

Profa. Dra. Clarissa Monteiro Borges

---

Profa. Dra. Roberta Maíra de Melo

---

Profa. Dra. Tamiris Vaz

"Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. (...)"(BARROS, 2008)

## **AGRADECIMENTOS**

Com todo amor que tenho, à minha mãe Elenice Monteiro pela vida, por me mostrar o caminho na arte, com sensibilidade, por ensinar a seguir em frente, por entender meu choro fácil cuidadosamente, por ter sido minha amiga, companheira e cúmplice de vida, sobretudo, por segurar minhas mãos enquanto elas coubessem nas suas.

Minha mãe e avó Lucília por me ensinar a ser corajosa e me mostrar os caminhos da liberdade.

Minha mãe de leite Maria Delfina por me alimentar com tanto amor durante a infância.

A minha orientadora e amiga Clarissa Borges por acreditar em mim, compartilhar caminhos intelectuais e ser tão cuidadosa, amorosa, companheira, disponível e me ajudar a sair da imensidão escura e profunda que foi esse período de luto, agradeço também pela bolsa no grupo de bordado Bordamigas, pelas conversas sobre feminismo, educação e arte.

Agradeço ao meu pai Nilton pela vida e por não me deixar esquecer que o desarranjo só acontece porque existe vida, obrigada pelo amor doce, carinhoso e cuidadoso.

Ao meu irmão Plínio pelo companheirismo, cuidado, zelo e por ter o coração tão imenso.

Ao meu irmão Pedro por ser meu companheiro, por mergulhar e acreditar no meu trabalho. Muito obrigada pelos artefatos e por tantas horas lixando, cortando e tornando parte da exposição possível.

Aos meus sobrinhos Matheus e Mariane que secaram minhas lágrimas por tantos dias com os abraços carinhosos.

À família Monteiro, pelo suporte emocional e por acreditarem no meu potencial. Meu amor por vocês é imenso.

Às minhas tias que com tanto amor e cuidado me acolheram na perda da minha mãe.

A minha prima Gabriela e ao meu professor Felipe por me abraçarem quando o toque era aversão naquela rua vazia no dia em que perdi um pedaço do meu coração.

Ao meu amigo e mentor Paulo Faria por me tirar do escuro em noites de choro e por compartilhar caminhos intelectuais, poéticos e artísticos com tanto carinho e respeito.

Obrigada por me fazer crescer. Sem dúvidas, a educação com você ganhou grandes e importantes dimensões.

Às minhas amigas Duda, Claudinha e Suzana por me acompanharem nesse longo percurso de formação, com vocês a caminhada foi mais leve, divertida e possível.

Ao meu amigo Jeffrey pelos abraços que me acolhiam durante a graduação e por tantas conversas e derivações, e Diego pelo riso fácil e amizade sincera.

Ao meu amigo e primo Júnior por tantas longas conversas e pela conexão tão bonita que vai além de laços familiares.

À minha amiga Ana por me acompanhar com amor por tantos anos desde a primeira graduação.

À minha amiga Isa pela companhia em casa e por me ajudar a olhar com mais carinho para minhas escolhas.

Ao Adriano, meu terapeuta que me mostrou caminhos de vida possíveis nesses anos.

Aos meus amigos do Aikido por compartilhar da potência em estar presente.

Aos meus queridos professores toda admiração e respeito, agradeço o acolhimento, mensagens, comidas e aconchego em especial: Prof<sup>a</sup> Mestre Maria Carolina, Prof<sup>o</sup> Dr Renato Palumbo, Prof<sup>a</sup> Dra Roberta Melo, Prof<sup>a</sup> Dra Tamiris Vaz e ao Prof<sup>o</sup> Dr Paulo Angerami pelo olhar sensível com meu trabalho no ateliê de fotografia. E todos que compartilham comigo caminhos intelectuais nessa graduação, muito obrigada.

À todas as mulheres que passaram por minha vida, sobretudo a minha ancestralidade familiar, meu grande agradecimento, pelas lutas diárias de longos anos para que eu ocupasse esse lugar. Seguirei lutando e acreditando nas nossas origens.

Muito obrigada a todos e todas que visitaram minha exposição no quintal dos meus pais e sentiram um pouco da imensidão do meu amor pela arte.

## **RESUMO**

O presente trabalho de conclusão de curso, apresenta em forma de reflexão, criação e educação, os lugares vivenciados por esta pesquisadora a partir de relações maternas entre quatro mulheres negras, sendo três no lugar de mãe e uma filha. O trabalho prático desenvolvido se utiliza de fotografias e bordado, resultando finalmente em uma instalação, que tem como objetivo construir espaços possíveis de encontros com essas relações ancestrais. Neste processo se faz necessário também a elaboração de um luto, vivido na pandemia de covid19. Utilizo da arte para entender esses sintomas que são atravessadores e geram desconfortos corporais, percebendo como a ocupação de espaços domésticos causam uma dualidade de sintomas e sensações emocionais, e para isso foi criado também um material didático convidativo que propõe a reflexão sobre nossas relações com a ancestralidade. O trabalho artístico apresentado ao final, propõe a imersão do espectador num quintal, que pela intervenção artística é transformado em um espaço de experimentação dessas relações maternas de afetos.

Palavras-chave: Artes Visuais; Bordado; Instalação;

## **ABSTRACT**

This final paper deals with maternal relationships among four black women. Three mothers and one daughter. It develops through reflection, creation and education, the roles played by the author in these relationships. The practical work developed uses photographs and embroidery. The result is an artistic installation. The objective was to build a space where an encounter with ancestral relationships was possible. In this process it is also necessary to elaborate a mourning, experienced in the covid19 pandemic. Looking at the dualities and the symptoms generated from this mourning in the domestic spaces and in the body itself. All of this through art. For this, I also created a didactic material that invites us to get in touch with our ancestral relationships. The artwork presented at the end, proposes the immersion of the viewer in a backyard, which through artistic intervention is transformed into a space of experimentation of these maternal relationships of affections.

Keywords: Visual Arts; Embroidery; Art Installation;



## LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Série Bastidores, Rosana Paulino, 1997. Acervo-MAM-SP	14
Figura 2- Rosângela Rennó, A Mulher que Perdeu a Memória, 1988, 90,00 cm x 120,00 cm.	16
Figura 3- Elenice Monteiro 30 e poucos.	21
Figura 4- Elenice Monteiro foto de carteirinha escolar.	21
Figura 5 - Elenice Monteiro- Carteirinha do Ensino Médio.	22
Figura 6 - Elenice Monteiro- Carteirinha de Ensino Fundamental.	22
Figura 7- Simplificação da forma- Elenice Monteiro.	23
Figura 8 - Risco no voal, bordado em processo.	23
Figura 9 – Desenhos de Elenice e Lucília em datas diferentes feitos a partir de fotos em período que estavam hospitalizadas.	24
Figura 10 - Flávio de Carvalho, Minha Mãe morrendo (nº 7), 1947. Série: Trágica. Carvão sobre papel 69,4 cm x 50,4 cm. Doação Museu de Arte Moderna de São Paulo.	25
Figura 11 - Lucília Julia por Brunna Monteiro, revisitando o luto, 2019.	26
Figura 12 - Festa de aniversário, Elenice apoiada com as mãos no rosto.	27
Figura 13 - Maria Delfina, dançando lindamente.	28
Figura 14 - Maria Delfina, foto de carteirinha escolar.	28
Figura 15 - Maria Delfina, olhar forte.	28
Figura 16 - Risco de mão no voal, não foi colocado na exposição.	30
Figura 17 - A silhueta da face que pode ser qualquer outra mulher negra.	30
Figura 18 - Risco que não virou bordado com parte da exposição.	30
Figura 19 - Bordado a partir de fragmentos da foto de Lucília.	30
Figura 20 - Processo de bordado com o rosto ganhando forma.	31
Figura 21 - Processo de bordado, Elenice apoiando o rosto.	31
Figura 22 – Bordado do recorte da face de Maria Delfina.	32
Figura 23 - Bordado da face de Elenice da fotografia um dia antes da morte.	32
Figura 24 - Bordado fragmento boca e nariz de Elenice, não usado na exposição.	33
Figura 25 - Bordado olhos e sobrancelhas de Lucília.	33
Figura 26 - Bordado do fragmento do rosto de Lucília.	33
Figura 27 - Bordado do fragmento da boca de Lucília.	33
Figura 28 - Experimentação de uma possível instalação.	34
Figura 29 - Material didático "Transbordo em afeto".	38
Figura 30 - Material didático "Transbordo em afeto".	39
Figura 31 - Material didático "Transbordo em afeto".	39
Figura 32 - Material didático "Transbordo em afeto".	40
Figura 33 - Material didático "Transbordo em afeto".	40
Figura 34 - Material didático "Transbordo em afeto".	41
Figura 35 - Material didático "Transbordo em afeto".	41
Figura 36 - Material didático "Transbordo em afeto".	42
Figura 37 - Material didático "Transbordo em afeto".	42
Figura 38 - Material didático "Transbordo em afeto".	43
Figura 39 - Material didático "Transbordo em afeto".	43
Figura 40 - Material didático "Transbordo em afeto".	44
Figura 41 - Convite para exposição.	47
Figura 42 - Entrada da casa da casa onde aconteceu a instalação. Foto: Clarissa Borges.	48

Figura 43- Vista ampla da instalação no quintal quando entra chega na exposição. Foto: Clarissa Borges.	49
Figura 44 - Exposição, detalhes. Foto: Isabela Giorgiano.	51
Figura 45 - Exposição, detalhes. Foto: Isabela Giorgiano.	52
Figura 46 - Exposição, detalhes. Foto: Clarissa Borges.	53
Figura 47 - Exposição, detalhes. Foto: Clarissa Borges.	53
Figura 48 - Exposição, detalhes. Foto: Isabela Giorgiano.	53
Figura 49 - Exposição, detalhes. Foto: Isabela Giorgiano.	53
Figura 50 - Exposição, detalhes. Foto: Isabela Giorgiano.	54
Figura 51 - Exposição, detalhes. Foto: Isabela Giorgiano.	55
Figura 52 - Exposição, detalhes. Foto: Clarissa Borges.	56
Figura 53 - Exposição, detalhes. Foto: Clarissa Borges.	57
Figura 54 - Exposição, detalhes. Foto: Isabela Giorgiano.	58

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>6</b>
<b>0. CARTAS</b>	<b>9</b>
<b>1. UM NÓ</b>	<b>12</b>
1.1. BURACO DESABILITADO PELA SUBJETIVIDADE	13
<b>2. LEGITIMANDO O VAZIO</b>	<b>18</b>
2.1. COTIDIANO	35
<b>3. MATERIAL DIDÁTICO PENSADO A PARTIR DAS RELAÇÕES AFETIVAS</b>	<b>37</b>
<b>4. SOBRE NÓS, LAÇOS E AFETOS</b>	<b>45</b>
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>60</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>62</b>

## INTRODUÇÃO

Esta monografia surge de um incômodo que me passa, por um não encontro com mulheres negras ocupando lugares de poder durante as minhas formações acadêmicas. Quando acontecia de vê-las, havia pouca possibilidade de serem autoras de suas próprias histórias. Inicialmente esse desconforto movimenta um desejo de criação e contribuição para pesquisa em arte, tendo em vista a escassez de trabalhos autobiográficos no que diz respeito a mulheres negras artistas, pesquisadoras e criadoras da sua própria arte e subjetividade.

O primeiro encontro significativo que esta pesquisa me proporcionou foi com a minha orientadora, a artista e pesquisadora Dr<sup>a</sup> Clarissa Borges, que enquanto ainda estava em período de licença maternidade me apresentou, dentro de seu espaço, uma gama de possibilidades e atravessamentos com trabalhos de mulheres artistas e referências sobre arte, feminismo e gênero, essenciais para a escolha dos temas e interesses comuns.

Um meio possível dentre tantos, foi refletir sobre relações maternas das mulheres com suas mães negras (no plural pois dificilmente uma mulher negra não teve uma ama de leite) e sobre como esses vínculos afetivos contribuíram para a formação da minha identidade enquanto artista e mulher. Para isso, foi importante experimentar processos artísticos e encontrei no bordado uma das possibilidades para elaborar um luto que vivi no período de pandemia da COVID19 e que subverte toda a pesquisa para um caminho dos sentidos corporais, atravessado nesse espaço-tempo de luto. Como forma de propor uma reflexão também na educação também elaborei um material didático capaz de fortalecer e simbolizar (poeticamente) os vínculos afetivos. Compartilho como estas perdas e acontecimentos me levaram a costurar memórias e ocupar tecidos tramados em espaços domésticos. Sobretudo, evoco, apresento e enalteço os nomes, as imagens e fragmentos da subjetividade dessas mulheres negras, para que outras irmãs reconheçam-se em trabalhos e pesquisas em arte, encontrando potencialidades do fazer artístico, pensando e experimentando através das relações afetivas, suscitando construções e desconstruções de lugares sociais e simbólicos.

Começo o trabalho com duas cartas, revelando os sintomas que me atravessam enquanto sentido corporal para a elaboração das minhas dores, perdas e também a relação

desses indícios com o processo de exteriorização por meio do trabalho acadêmico em arte. Deste modo, foi possível e suportável transbordar e desfazer alguns nós que me passaram pela garganta durante este período. No capítulo 1 relaciono e associo a invisibilidade da minha fala ao sumiço das minhas origens e ao apagamento de tantas histórias. UM NÓ. Dificilmente conseguiria escrever, bordar e elaborar melhor minhas percepções sem entender tantas angústias que a pandemia de Covid19 nos causou.

Para elaborar melhor esses sentidos, vasculho fotografias antigas com o intuito de encontrar com a essência dessas três mulheres que passaram pela minha vida e fazem parte das relações afetivas e de formação da minha identidade. Para isso, encontro referências artísticas que me encorajam a percorrer caminhos de experiência. Na tentativa de habitar o buraco profundo que nasceu em meu peito, busco nessas referências formas de costurar memórias, perceber o corpo, sentir o espaço, entender a potência de uma fotografia em um período de luto. Os artistas aqui referenciados são partes essenciais na trajetória e nascimento deste trabalho.

Após encontrar com esses artistas, me arrisco a olhar com mais carinho para as fotografias dessas mulheres em seu cotidiano. Sem muito critério de local ou origem, busco encontrar o que as move naquele instante captado pela fotografia e me dou conta de que sempre há algo mais acontecendo. A partir de então, seleciono um fragmento que simplifique as linhas que compõem a imagem. A partir dessa simplificação das imagens fotográficas e da escolha de como o desenho vai acontecer no papel, nasce o risco para ser transferido e bordado no voal.

Entendendo e sentindo o significado de cada risco, tento conceber o vazio que percebo quando olho para a história dessas mulheres e encontro resquícios dos modos de vida que acompanham meu cotidiano e provavelmente de muitas outras mulheres. Desse modo, o capítulo 2, legitima o vazio através do *fazer bordado* enquanto ação.

No capítulo 3, te convido a experimentar um material didático que flui e acontece como uma costura durante o fazer artístico de transbordar afetos. Aqui, proponho uma conexão com suas origens como possibilidade de revisitar sua ancestralidade. O material é composto por cartilhas que possuem em cada página, sugestões de ações poéticas. A proposta é criar laços no processo de experimentar as ações artísticas.

O último encontro se dá com a instalação “Sobre nós, laços e afetos” com as obras prontas, já no suporte para bordado, montadas em uma instalação que, com uma luz, projeta as imagens nas paredes. Para isso, foi necessário entender a relação dessas obras com o espaço da casa, do quintal cheio de plantas e toda a organização daquele lugar repleto de memórias. Com as luzes apagadas, é preciso aguardar que a retina se adapte à quantidade de luz, o que só é possível após um tempo de imersão na instalação, que aconteceu no quintal da casa dos meus pais. "Sobre nós, laços e afetos", é o resultado do trabalho desenvolvido nestes onze bordados que se relacionam com o espaço do quintal. As linhas, em diferentes tons de marrom, marcam também os afetos, as expressões, a morte, a vida, a saudade e as memórias.

Te convido então, a experimentar uma imersão na instalação “Sobre nós, laços e afetos”, ainda que por fotos, num quintal habitado por amores, dores, luzes, sombras e memórias.

## 0. CARTAS

*Para essa Brunna de 1992, que aparece em uma fotografia em cima da cômoda da sala,*

*Escrevo para uma versão de mim mesma, que talvez tenha ficado lá atrás quando o sorriso era fácil.*

*Percorra seu caminho cheio de descobertas, curiosidades e vontades. Importante seguir olhando o céu e se deixando emocionar com a imensidão negra com partículas brilhantes. Agarre as oportunidades que a vida lhe oferece assim como se esforça para segurar essa boneca na fotografia. Com dificuldade, mas com toda a intensidade que se pode. Os alcances cotidianos terão que ser feitos com mais cautela e, sobretudo, siga em frente mesmo com os imprevistos, ainda que seja necessário mudar os caminhos e arriscar outros voos.*

*Não tem nada de errado, não que isso seja um afago, mas essa imensidão é profunda e distante, tente se acalmar. Esse pavor, uma hora vai virar amor.*

*Ainda assim, siga sorrindo sempre que possível.*

*Carinhosamente, Brunna de 2021.*

*Mãe,*

*Te escrevo hoje, sabendo mais do que nunca o quanto esse cotidiano é exaustivo.*

*Tenho vivido as mesmas mazelas que você foi capaz de carregar durante anos. Te escrevo, Mãe, por que eu experimento o amargo gosto de ser mulher dentro de um lar onde as tarefas não são divididas, o cuidado ainda se resume a essa figura que tem a obrigação de manter tudo limpo e organizado, que faz compras, cozinha, lava e guarda a roupa, trabalha, estuda, borda, conta histórias, administra as despesas e ainda "tem" que manter o bom humor no final do dia.*

*Mãe, que cotidiano duro esse. Que quantidade de nós estão parados na minha garganta depois de experimentar a obrigação de dar conta de tudo isso. Que pesado é estar disponível o tempo todo, saber onde estão todas as coisas da casa, separar os remédios do meu pai três vezes ao dia, e ainda suportar suas ignorâncias machistas em período de crise.*

*Todos os dias eu acordo e passo o café com açúcar, aquele que fica na garrafa sabe?! E o meu, faço sem açúcar, no máximo um adoçante. Acho que estou me acostumando com esse gosto amargo, e antes fosse só do café... Já acordo experimentando as amarguras que carregamos juntas por quase trinta anos.*

*Nossas conexões têm significados de acalento, aconchego, força, suporte, risadas, justiça, entendimento, compartilhamento e amor, o maior que pode existir.*

*Quero te contar que os dias nunca mais foram como antes, a quantidade de pano-de-prato que suja é imensa, e não consigo deixá-los brancos como você fazia. A pia está sempre cheia, consigo lavar duas vezes ao dia, no máximo.*



*Estou terminando minha graduação e é uma pena que não esteja aqui para compartilhar meu sorriso com você. Sinto saudades de casa, daquela casa que existia junto à sua presença. Eu sinto muito que tenha suportado tudo isso por tanto tempo.*

*Esse ciclo da mulher, mãe, esposa, cuidadora, administradora, faxineira, estudante, professora, artista que faz milhares de coisas. Mãe, esse ciclo precisa ser quebrado. Percebo que isso se repete com as minhas tias, sempre impecavelmente donas de casa. Sinto muito, mas essa tradição está sendo quebrada e pouco a pouco vou deixando esse espaço que se configurou por tempos em inúmeros trabalhos domésticos. A casa já não é mais um espaço que todos sujam e só uma mulher limpa. Sim, sou a “chata” que solicita por uma divisão de trabalho. Ainda não é justa, mas começa a aparecer com a sua ausência. Uma pena isso só esteja acontecendo agora, poderíamos ter feito muitas viagens se não tivéssemos perdido tanto tempo passando panos.*

*Um lugar extremamente difícil de permanecer e ao mesmo tempo doído de se deixar. Ainda estou em luto. Me expressar artisticamente tem me salvado. E todos os dias penso em você e suas mãos estão em todos os lugares, sobretudo no meu reflexo.*

*Obrigada por me levar nas viagens culturais que aconteciam na sua graduação e que me fizeram encontrar o caminho da arte. Estou saindo do casulo, aos poucos vou me movimentando e sentindo as dores desse processo lento, mas libertador.*

*Com todo amor que se pode, sinto saudades de absolutamente tudo. Mas como diz Caetano Veloso, é melhor sentir saudade do que andar vazio.*

*Abraços, colo e beijos infinitos de quem te ama e te admira muito.*

*Brunna Monteiro, um tanto sufocada em 2021.*

## 1. UM NÓ

Amarra, aperta, sufoca, prende, limita, aprisiona, mas instiga a movimentação de transformar esses sentidos, desatando uns e transbordando outros. Nós.

A construção de saberes e linguagens, possibilitam resgatar minhas origens e pensar minha ancestralidade. Me parece que esse nó é milenar, e que o “não saber” vem acompanhado da sensação de pouco entendimento. Talvez não seja uma questão de entender de onde vem essa angústia que me cala, me fecha e me aprisiona dentro desse silêncio complexo, duro e cheio de sentidos, mas sobretudo de traçar sequências de instantes capazes de construir [entre] essas tramas.

Reconheço sintomas que falam através de vazios no corpo. Então respiro fundo, sinto como se o nó pudesse ser digerido, sinto-o passando pela garganta, esôfago, e logo então, percebo meu engano, pelo pouco entendimento do que é experimentado através do todo. O nó permanece lá, preso, parado e sufocante.

O ar entra pelo nariz, passa pela garganta e encontra um fragmento da angústia estagnado. Anseio uma reação química, de modo que as moléculas de ar se ligam a esse tipo de esfera presa na garganta. O diafragma contrai alongando o tórax, a pressão do pulmão diminui, o ar vai saindo aos poucos, a expectativa aumenta, desejo então que o nó da angústia se junte ao ar expirado.

Mas não, outra vez ele permanece ali, agarrado ao silenciamento e à invisibilidade de uma dor que é só minha, ao menos dentro de uma subjetividade da construção do ser. Seria egoísmo dizer que a angústia é só minha, até porque não quero possuí-la.

A linha é muito tênue entre a dor e o incômodo que acompanha e atravessa um espaço-tempo ancestral que insiste em permanecer ali. É custoso definir o que intercorre em meio a tantos significados e insignificâncias dadas e submetidas. Carregar o silenciamento forçado de tantas gerações, definitivamente não é uma tarefa simples.

O que intento, é elaborar um trabalho que dê voz e enuncie a inteligência das minhas amas, resgatando as vozes daquelas que já partiram e deixaram em mim a vontade de dizer,

falar, pronunciar, e sobretudo elaborar um discurso que seja de excelência acadêmica e ao mesmo tempo potente e compreensível, que sirva como uma ponte de acesso para a elaboração dos sentidos, assim como reconhecimento da representatividade de todas nós, enquanto indivíduos.

Perco a noção de tempo e espaço. Já é difícil computar quantas vezes gritam dentro desse corpo que habito. A dificuldade em transpor o que tem insistido em permanecer aumenta. Quando escrevo me liberto um pouco dessas amarras, ainda que a insegurança de uma escrita acadêmica se faça presente a todo instante.

Busco encontrar dentro da minha própria subjetividade um jeito de escrita, maneiras, referências e possibilidades de dizer e expressar através da palavra. Para isso, sinto e observo esses sentidos.

### **1.1. BURACO DESABILITADO PELA SUBJETIVIDADE**

Ao revisitar fotos, me permito um encontro que seja potente o suficiente para gerar atravessamentos afetuosos. Faço das experimentações, um recurso de pesquisa. Na fotografia, busco incessantemente condições emocionais para que seja possível revisitar estas lembranças. Nunca havia tido um olhar significativo para as fotografias antigas. Passeio pelas mesmas fotos que já havia visto muitas vezes. O olhar filtrava referências temporais e estéticas de um estilo de roupa, penteado, cabelo e que também ditava um estilo de comportamento naquele dado tempo.

A atenção muda quando reencontro uma essência subjetiva que me faz identificar imediatamente com a recordação daquele ser. Dentro do meu vazio, encontro um espelho que me olha nos olhos convidando-me a mergulhar ainda mais profundamente nas fotografias. Meus sentidos, vivenciam a ressurreição verdadeira daquela identidade. Compartilho do conceito de *punctum* sobre aspectos da imagem fotográfica abordado por Barthes em seu texto “A Câmera Clara”: “(...) Pois *punctum* é também picada, pequeno buraco, pequena mancha, pequeno corte - e também lance de dados. O *punctum* de uma foto é esse acaso que, nela, me punge (mas também me mortifica, me fere).” (BARTHES,2012, p.46)

Busco então, referências que me proporcionem uma familiaridade entre minhas vivências e histórias. Mulheres artistas que fazem parte da subjetividade enquanto mulher negra. Ao me encontrar com as obras de Rosana Paulino, percebo pontos de interseções em interesses temáticos e materialidades em seus trabalhos onde a artista negra se faz narradora de si.



Figura 1 - Série Bastidores, Rosana Paulino, 1997. Acervo-MAM-SP

Paulino traz em suas obras associações entre saberes transmitidos de mãe para filha em um ambiente doméstico, associadas a histórias pessoais, racismo, identidade, ancestralidade e violência. Em sua obra “Sem título”, da série Bastidores, o atravessamento acontece pelas fotografias com fissuras costuradas de forma caótica, violenta e dura na altura da garganta, nariz, pescoço, testa, olhos e boca. Como diz a própria artista, “faz parte do meu fazer artístico apropriar-me de objetos do cotidiano ou elementos pouco valorizados para produzir meus trabalhos” (PAULINO,p. 88, 2011). Ainda que seja outro tipo de silenciamento, o nó na garganta faz parte do sintoma de aprisionamento num sistema de natureza opressiva que

favorece um espaço de violências domésticas. A arte funciona também como potência transformadora para condições opressivas que nos cercam.

Em seu trabalho, Paulino percorre caminhos sobre ser mulher negra e artista para debater e elaborar bordados de saberes que envolvem uma diversidade de questões, sobretudo a violência doméstica. A angústia da imagem me atravessa. Encontro um ponto de intercessão no trabalho de Rosana Paulino no uso do suporte, na temática acerca de questões raciais e de gênero, mas sobretudo, sobre os sintomas e sentidos corporais do aperto causado pelo caos das linhas costuradas na altura da garganta.

A artista utiliza fotografias de mulheres negras impressas no tecido e presas no suporte do bastidor. As costuras escondem ao mesmo tempo que evidenciam fragmentos do rosto, tornando essas mulheres reais e vivas.

Entendo que por mais que o movimento de bordar, (seja ele no ponto reto ou em outros) se faz necessário voltar no ponto anterior, a agulha sempre segue adiante, propõe um movimento de ir e vir, seguir o risco e a trama, que é convidativa a experimentar o encontro entre linha e tecido formando a imagem que é memória, resgate, faces, expressões, saudade, tempo, cheiro, afeto, nós e laços, reforçando o gesto de alinhar por dentro do corpo, das sensações, do tecido, permitindo reforçar o gesto de entrar e sair da mesma ferida. Todo esse deslocamento com vontade e saudade, observo junto às obras de Manoel de Barros que diferente da agulha, o tempo não anda pra trás (BARROS,2008, pág 113).

A imagem em preto e branco quase desaparecendo no tecido de fundo claro evidencia o apagamento dessas identidades. Existe uma dualidade presente na obra de Paulino quando o rosto é apresentado ao mesmo tempo que desaparece, cala, amordaça e evidencia a violência repetida em corpos negros num suporte de bastidor que faz referência também a alguém que está por trás de alguma circunstância ou acontecimento sendo ela cuidadora ou organizadora de espaços domésticos.

Se faz necessário que as imagens artísticas e experiências autobiográficas valham para “evidenciar os fortes vínculos entre a arte e a luta pela libertação negra, a história da cultura afro-americana contém importantes lições para aquelas pessoas interessadas em estreitar os laços entre arte e movimentos populares.” (DAVIS, 2017, p.167).

Para isso, a produção de arte dos povos negros deve ser capaz de criar linguagens e diálogos de dimensões políticas possíveis de questionar o sistema e as relações de gênero em espaços legitimadores de arte, para que mais pessoas tenham acesso a diversidade cultural. Produzir arte ainda não é suficiente para a emancipação de artistas negras. Políticas de acesso e inclusão devem continuar sendo utilizadas para que cada vez mais o acesso à arte seja possível.

As temáticas femininas que me interessam são as que vêm acompanhadas de uma sutileza da relação com o tempo, existência e passagem que desaparece na própria imagem. Uma denúncia ao esquecimento das mulheres que representam tantas outras. Neste sentido, a artista brasileira Rosângela Rennó evoca questões sobre esquecimento, tempo, memória e afetos. A imagem de uma senhora avó, apresenta a possibilidade de uma identidade massiva da figura afetiva da avó de qualquer pessoa. As características que foram desfocadas nesta fotografia, são as mesmas que tornam possível o reconhecimento de várias outras avós.



Figura 2- Rosângela Rennó, A Mulher que Perdeu a Memória, 1988, 90,00 cm x 120,00 cm.

Rosângela Rennó utiliza de recursos que evocam lembranças num jogo de esquecimento que ao mesmo tempo evidencia esse apagamento, suscita sobre o próprio

registro fotográfico que eterniza aquele ser mulher, senhora, sem memória acompanhada do aumento da idade juntamente com a diminuição do tempo de vida e da própria identidade.

O título “ A Mulher que Perdeu a Memória” já evoca questionamentos. Quem perdeu a memória? A mulher ou o fotógrafo? Qual memória que se perde? Quais afetos? Qual o significado dessa memória quando se perde a utilidade? Qual interesse em viver essa memória? Quem era essa mulher? Por que ela perdeu a memória? A relação entre espaço e tempo faz sentido nessa perda? Ela poderia ser a minha avó? E se minha avó perder a memória eu ainda vou lembrar (para não esquecer)?

A sensibilidade do trabalho evoca questões históricas e de ancestralidade que foram apagadas e esquecidas. Afinal, qual interesse em manter viva a memória? Memória de quem e para que? São algumas dessas perguntas que movimentam meu fazer artístico voltado para questões afetivas e de gênero.

## 2. LEGITIMANDO O VAZIO

Dos atravessamentos presentes nesse processo de produção, se faz muito presente a construção do “eu” a partir das relações maternas. Então me questiono: Qual é essa construção? De que modo ela se concretiza? Como o fato de se reconhecer enquanto mulher, negra e artista pode fazer parte da construção de uma identidade que se forma por meio das relações sociais e afetivas? De que modo as relações maternas fazem parte dessa construção e elaboração da identidade? Para isso, me coloco como objeto de estudo dentro desse processo de produção artístico e investigo como esses vínculos me trouxeram até aqui e de que modo que essas mulheres foram acrescentando tecidos carregados de histórias, ancestralidades, vivências, experiências e referências numa relação de cooperação mútua de vida.

A mãe da minha mãe, Lucília Julia Monteiro, uma mulher potente, pariu dez filhos, sendo seis homens e quatro mulheres. Mãe, como costumava chamar minha avó Lucília, sempre foi a líder da família, sabia tomar decisões com coragem e firmeza. Não fazia parte da sua história a possibilidade de ser controlada por outros. Admiro aquela personalidade elegante, séria e ao mesmo tempo brincalhona. Sobre as dúvidas da vida, ela sempre tinha uma resposta boa o suficiente para fazer repensar o modo de encarar os problemas.

O primeiro nó neste trabalho vem da elaboração de uma das minhas perdas, em dezembro de 2019. Lucília veio a óbito no dia 06 de dezembro de 2019. Passei os últimos dias ao seu lado e pude entender o quão pequenos e frágeis somos. A dor era pelo sentimento de incapacidade e impotência, ao lembrar que minha avó passou cerca de quatro anos em cima de uma cama. Ver aquela mulher potente e forte, no final da vida, cheia de esquecimentos temporais me doeu muito.

Pensar na minha composição como indivíduo e no que me fez tornar-me o que sou, ou melhor dizendo, pensar sobre o que é essa construção do meu “eu” enquanto mulher negra em desenvolvimento e formação e sobre como as relações maternas estão relacionadas com essa construção, são aspectos que fazem parte da minha busca. Pensando em origens, me pergunto qual é a potencialidade que a história a ser contada ganha, ao se iniciar com o nascimento de uma menina no dia 29 de agosto no ano de 1991, filha de pai negro e mãe negra.



Minha mãe Elenice teve um parto cesariano na cidade de Uberlândia. Nasci neste terceiro parto, onde o sonho em ter uma menina se concretizava. Por isso, já foi sugerido fazer a cirurgia de laqueadura junto com o parto. Receberam alta, as duas voltaram para casa, mas Elenice sentiu muita dor, que se intensificou com o passar dos dias e logo foi necessário retornar ao hospital, onde foi internada imediatamente. Levou um longo tempo, até que o diagnóstico saiu. O intestino da minha mãe havia sido perfurado durante o procedimento cirúrgico e pela demora com o resultado do exame, foi necessária internação na Terapia Intensiva ou Unidade de Tratamento Intensivo (UTI), onde permaneceu por um mês.

O rompimento entre mãe e filha ultrapassou barreiras físicas. Perdi o que tinha de mais seguro dentro do que me parecia real num mundo tão novo e cheio de possibilidades depois de nascer. Era, ao mesmo tempo, último e primeiro parto como diz Clarissa Borges observando as obras de Jonathan Waller: “O parto é algo rápido e, muitas vezes, indefinido, ele demarca o início de uma vida, que se estenderá muito mais tempo até a morte. O parto é como um rascunho do que se transformará e se desenhará sobre a vida de alguém.” (BORGES, C., 2019, p.214).

A partir dessa ruptura, me coloco no lugar das crias que foram arrancadas das mães no período escravocrata.

Esse processo de afastamento, gerou uma quebra do importante vínculo afetivo que se forma nos primeiros meses de vida. Foi então que minha avó Lucília me levou para casa e fez os cuidados necessários. Era prioridade encontrar uma “ama de leite” que pudesse me amamentar durante esse tempo de afastamento da minha mãe biológica. Maria Delfina entrou assim em minha vida, como minha mãe de leite. Por mais traumático que tenha sido esse corte, a relação de reciprocidade entre essas mulheres é muito mais bonita, simbólica e forte do que a ruptura em si. Por isso foi possível criar outros vínculos e contar outras histórias, viver com outras mulheres que foram e ainda são grandes referências em minha vida.

Começo uma visita ao álbum fotográfico em busca de algum registro significativo, onde haja um reencontro possível e potente. Normalmente os reencontros com as fotografias são doídos e necessários assim como diz Barthes ao procurar uma imagem de sua mãe:

Ao sabor dessas fotos, às vezes eu reconhecia uma região da sua face, tal relação do nariz e da testa, o movimento de seus braços, de suas mãos. [...] Eu a reconhecia diferencialmente, não essencialmente. A fotografia me obrigava assim a um trabalho doloroso; voltado para a essência de sua identidade, eu me debatia a imagens parcialmente verdadeiras e, portanto, totalmente falsas. Dizer diante de tal foto “é quase ela!”. (BARTHES,2012,pg 99, cap. 27.)

Difícilmente encontrava minha mãe Elenice completamente em tantas fotografias. Com olhar sincero e atento aos detalhes para reencontrá-la, ainda que seja em expressões de um pequeno recorte da face. Pensando nesses vínculos e nessas construções, selecionei algumas fotos dessas mulheres. O objetivo é que estas imagens fossem a base para a construção de desenhos limpos esteticamente e com linhas simplificadas. A seleção das imagens escolhidas em álbuns de família foi permeada pela busca de lembranças que captassem o “eu” dessas mulheres. Como o olhar, os lábios, o nariz e o cabelo, elementos marcantes de uma identidade negra. Nariz achatado, lábios grossos, olhar potente que às vezes marca uma expressão que diz muito sobre um semblante cheio de significados e marcas temporais.

A primeira foto escolhida, foi uma das últimas fotos em vida da minha mãe. O olhar pede socorro, implora por vida e demonstra todo medo diante de tempos obscuros. A escolha dessa foto diz muito sobre o sentimento que me tomava quando a recebi. Sentia esperança, sobretudo por saber que ainda havia três vagas na UTI. Justamente no mesmo hospital que eu nasci e fomos separadas pela primeira vez. Um lugar com tantas memórias carregadas de expectativas.

O último registro que recebo, faz parte da construção e reconstrução do vazio. Eu via dentro dos olhos de minha mãe o cansaço que jamais tinha visto, rodeado pelo inchaço e preenchido com a simplicidade em registrar todo aquele aparelho respiratório que cobria a boca, nariz e queixo. A máscara de alta concentração de oxigênio cobria a maior parte do seu rosto. O que não poderia ser coberto era o medo que ultrapassa a lente na frente dos olhos. Cabelo preso, todo para trás, era assim que a simplicidade no penteado fazia parte da composição daquele rosto, um pedaço do meu coração configurado em mãe.

Começo então a pesquisar os traços e desenhos que faria a partir destas fotografias, para depois bordá-las no voal. O primeiro risco<sup>1</sup> que insinuou no tecido não poderia ser nada

---

<sup>1</sup> O risco é transferência do desenho ou imagem que se deseja bordar no sobre o tecido no bordado livre.

mais do que um pedido de amparo. Um tecido vazio, onde a transparência faz parte do sumiço de uma subjetividade. Marco então esse desequilíbrio como forma de reconstrução desse vazio e elaboração de tantos sentimentos. O processo após a escolha da foto, foi simplificar as linhas através do desenho até que ele se tornasse risco para ganhar espaço no voal vazio.

Para uma sequência de riscos, busco entre as fotografias de minha mãe, algo que marcasse uma temporalidade de juventude, remetendo a essa sensação de vida longa e distância da morte. São fotos do rosto, usadas normalmente em documentos.



Figura 3- Elenice Monteiro 30 e poucos.



Figura 4- Elenice Monteiro foto de carteirinha escolar.



Figura 5 - Elenice Monteiro- Carteirinha do Ensino Médio



Figura 6 - Elenice Monteiro- Carteirinha de Ensino Fundamental.

A partir das seleções das fotografias, escolhi um fragmento da imagem condizente com a representação da memória e identidade dessa mulher, faço desenhos simplificados, como esboços para transformar em *risco* de bordado. Na Figura (6), por exemplo, existe uma expressão de seriedade, que ainda é muito presente em minhas lembranças das expressões faciais de Elenice. Um olhar firme, bravo, seguro, certo e decidido. Era essa uma parte bem pequena das recordações que a Brunna criança construiu e selecionou dentre tantas memórias afetivas do que é ser e ter mãe.

A Figura (7) é uma tentativa de simplificar essas formas por meio da ampliação da imagem. Olhar fixo, profundo, sobrancelhas levemente arqueadas e franzidas fazem conexão com os lábios cerrados. Cabelo na altura do pescoço, o pouco que se vê da roupa, o que certifica o semblante. Fotografei a foto, escolhi qual parte do rosto gostaria de transformar em *risco*, e com ajuda de um software a imagem foi ampliada e impressa. Para que ficasse mais nítido visualmente, desenhei na própria impressão de forma livre os traços simplificados. A partir de então, me arrisco diretamente na trama do tecido, para poder sentir um pouco da potencialidade em estar e sentir a vida. Correr esse risco aciona a possibilidade de alterar um estado da matéria a partir do meu modo de enxergar o traço virando linha em um espaço-tempo onde a transitoriedade se faz presente na ação de bordar.



Figura 7- Simplificação da forma- Elenice Monteiro.

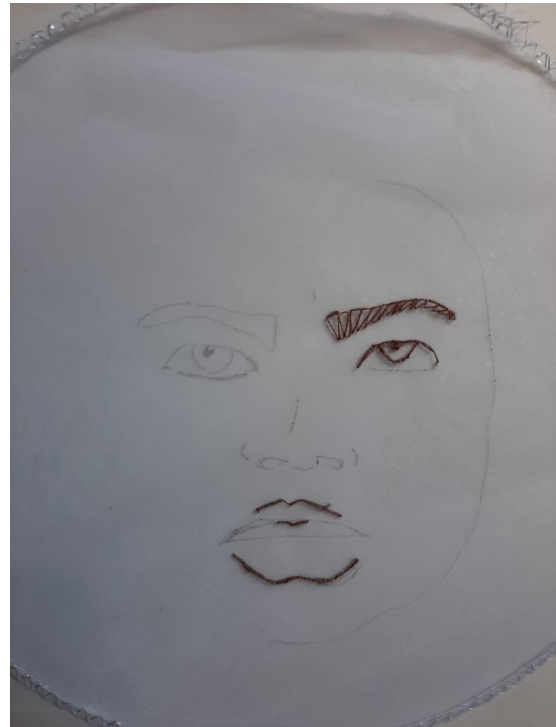


Figura 8 - Risco no voal, bordado em processo.

A Figura (9) foi feita a partir de junções de fotografia que faz parte da elaboração da perda de duas mulheres significativas em menos de um ano. Elaborar esse vazio passa pelo processo de construção onde essas imagens se mesclam no papel, assim como em minha memória.

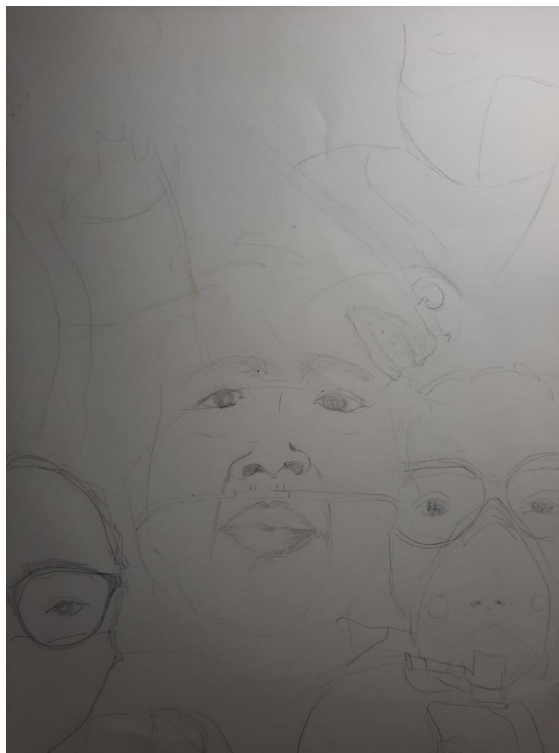


Figura 9 – Desenhos de Elenice e Lucília em datas diferentes, feitos a partir de fotos em período que estavam hospitalizadas.

Estive com mãe (Lucília) nos seus últimos dias de vida. Pude acompanhar, observar, agradecer e sentir o processo de despedida. Neste registro, ela usava um tubo de oxigênio no nariz, já não estava tão lúcida, apenas o suficiente para responder a poucos comandos. Nosso combinado era que piscasse ao entender. Olhava para o céu e pedia colo, eu poderia ouvi-la dizer “Pai, vem me buscar, Pai não, Mãe”. Ela era independente, jamais pediria ajuda, sobretudo de um homem. Esse pedido de busca se materializou em um trabalho desenvolvido para disciplina de Interfaces da Arte, que realizei com um desenho feito a lápis no papel A4 180gm, que depois foi coberto com fita micropore. Tanto o corpo, quanto o desenho, remetiam a um desaparecimento temporal. Está entre a vida e a morte. E de fato, todos estamos nesse meio, mas expressão corporal, a debilitação da respiração e o próprio histórico de uma pessoa acamada encurta a distância entre viver e morrer.

A morte ali naquele leito é entre nós, entre um pedaço da relação vivida. Morte da possibilidade de uma conversa, do abraço apertado, do toque que sentia a textura da pele, do cheiro, do olhar, do conselho assertivo, da morada, da presença e das risadas cheias de alegria desatavam espaços para a saudade. Ali na cama já era tão perto da morte, que muito do que fazia parte de estar viva já deixaria de existir. Possivelmente me sinto como o artista Flávio de

Carvalho que registra sua mãe nos últimos instantes de vida. O traço fino e delicado com linhas que marcam as expressões revela a face de sua mãe deitada no leito à beira da morte. A boca aberta, com os olhos fechados e o movimento das linhas saem do corpo com a sensação de levitação e desaparecimento do ser. O movimento expressivo do gesto reforça a sensação de dissociação do corpo.



Figura 10 - Flávio de Carvalho, Minha Mãe morrendo (nº 7), 1947. Série: Trágica. Carvão sobre papel 69,4 cm x 50,4 cm. Doação ao Museu de Arte Moderna de São Paulo.

A sensação que me passa no desenho de Mãe (Lucília) é muito parecida. A boca aberta como de quem já não tem energia para movimentar, ainda que seja para clamar. A abertura que é parte de um lugar de fala, expressão, lamentação, desejo, sabores, lugar de entrada de energia, riso, gozo, barulhos, vozes e um universo de possibilidades, mas ali no leito se desfaz com respiração lenta.

Para figura (11), compartilho da sensação que Barthes teve em busca de encontro atemporal e verdadeiro de sua mãe: “Sozinho no apartamento em que ela há pouco tinha morrido, eu ia assim olhando sob a lâmpada, uma a uma, essas fotos de minha mãe, e "pouco

a pouco remontando com ela o tempo, procurando a verdade da face que eu tinha amado. E a descobri", diz (BARTHES, 2012, p.101)

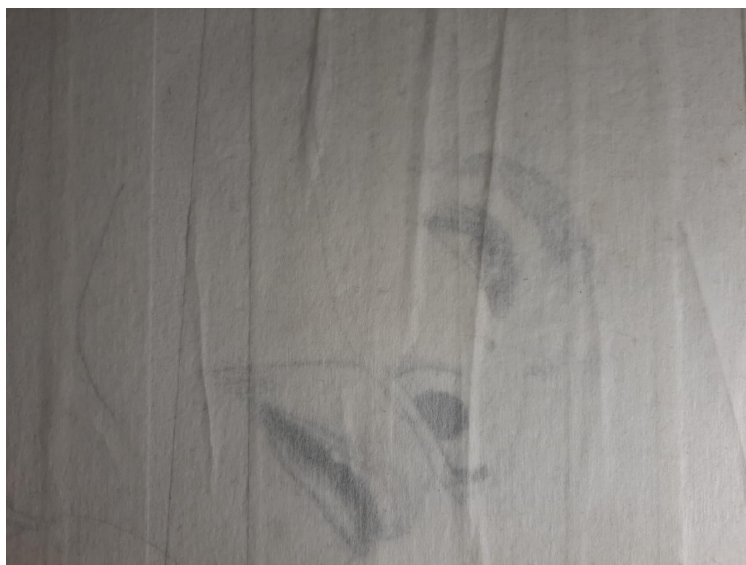


Figura 11 - Lucília Julia por Brunna Monteiro, revisitando o luto, 2019.

Ao sabor dessas fotos, reencontro minha mãe enquanto personagem da cena que acontece a comemoração do aniversário de uma criança, com poucas pessoas em volta do bolo e do aniversariante. Elenice estava no canto na imagem (Figura 12), sentada apoiando a face nas mãos como alguém que não fazia questão de aparecer na foto e permanece como está quando a fotografia foi tirada. Alí era minha mãe. A reconheci pela simplicidade no gesto com sorriso singelo. Ah, como gostava de usar camiseta cavada (sem mangas) e um relógio. O cabelinho penteado para trás mostra a cara limpa. Neste registro ela não era a figura principal na cena, mas enquanto captura de alma e identidade, foi a protagonista.





Figura 12 - Festa de aniversário, Elenice apoiada com as mãos no rosto.

A figura (13) capta o instante de uma dança que eu mesma elaborei durante o discurso acerca do que é ser mulher negra nos anos 90. O fragmento selecionado nesta fotografia chama a atenção pelo movimento alegre e espontâneo. Poucas vezes vi Maria, minha mãe de leite, se soltar tão espontaneamente.



Figura 13 - Maria Delfina, dançando lindamente.

Uma face com traços marcados de uma cor pontual na figura (15). Essa fotografia revela o olhar que recebi muitas vezes de Maria Delfina. Um olhar “de lado”, cheio de expressões faciais marcadas.



Figura 14 - Maria Delfina, foto de carteirinha escolar.



Figura 15 - Maria Delfina, olhar forte.

Além de Lucilia, Elenice e Maria Delfina, escolho também imagens minhas, imagens que dialogam com estas outras três mulheres pretas. Escolhi três fotografias tiradas em momentos distintos e sem intenção de serem bordadas posteriormente. A primeira delas, foi realizada quando estava escrevendo uma carta pra minha mãe, num momento em que estava quase insuportável continuar a vida, então me expressar através da palavra, tirar uma fotografia desta ação foi o caminho possível naquele momento para percorrer e digerir alguns nós. A impossibilidade em olhar adiante marca esse bordado. A segunda imagem bordada, foi feita a partir do contorno do meu rosto e cabelo. O bordado não tem características que me identificam como Brunna. É um bordado que poderia ser qualquer outra mulher negra com cabelo afro. Isso abre possibilidade para que outras mulheres se reconheçam no meu trabalho. O terceiro bordado, apresenta um olhar em dualidade, escolhi bordar metade do rosto, com um olhar a diante, mas ao mesmo tempo sem entender muito bem o que se passa. Olhar sério, sem muito entendimento, mas se esforçando para olhar adiante, mesmo sem entender muito bem o que se passava.

Considerando o suporte para os esboços e desenhos realizados a partir destas fotografias penso que o desenho pode ser usado como metáfora da teia, que se avoluma sobre o tecido. A partir dessas memórias, que são translúcidas e que se contaminam mutuamente, escolho como superfície o voal. A transparência permite mesclar os bordados assim como a história dessas mulheres que fazem parte da construção de um outro ser. Um conjunto de fios que se entrelaçam para formar uma superfície. A partir de vestígios, o risco se mostra na superfície.



Figura 16 - Risco de mão no voal, não foi colocado na exposição.



Figura 17 - A silhueta da face que pode ser qualquer outra mulher negra.



Figura 18 - Risco que não virou bordado com parte da exposição.

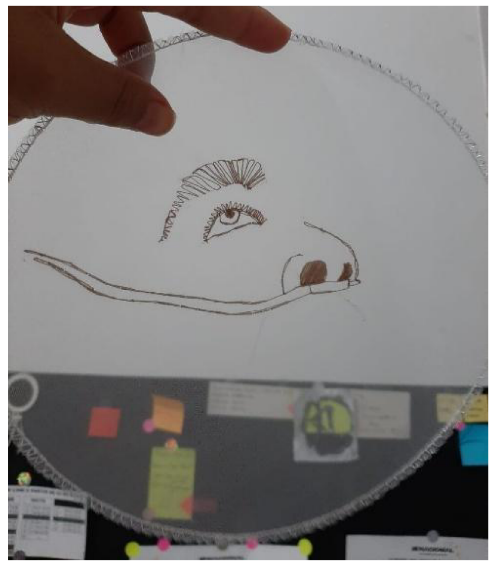


Figura 19 - Bordado a partir de fragmentos da foto de Lucília.

Escolho linhas com diferentes tons de marrons para tramar e traçar caminhos potencializando essas memórias, assim supero e desato alguns nós ao mesmo tempo que aperto outros.

Revelar-se e exprimir-se com ajuda de aparelhos, mas agora os aparelhos são outros: são bastidores, suportes, agulhas, madeiras e engrenagens que me ajudam a transbordar minhas sensações.

Na figura (20), o recorte na boca, na palavra e no suspiro.



Figura 20 - Processo de bordado com o rosto ganhando forma.

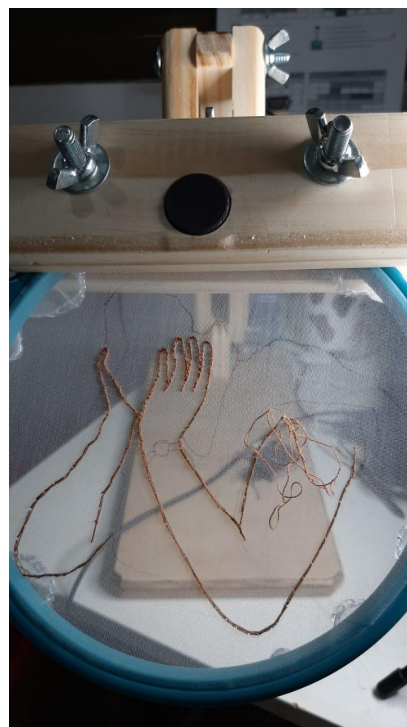


Figura 21 - Processo de bordado, Elenice apoiando o rosto.

Enquanto bordo, as emoções afloram. Quantificar os nós que acontecem a cada transferência entre imagem-risco-bordado me parece impossível.

Na figura 21, o marrom contém o amarelo. Amarelo primário, inaugural e principal.



Figura 22 – Bordado do recorte da face de Maria Delfina.



Figura 23 - Bordado da face de Elenice da fotografia um dia antes da morte.

Neste momento aflito do fazer/bordar, ainda não sabia que se tratava de outra dimensão, um outro tempo-espaço onde os nós são ainda mais complexos.

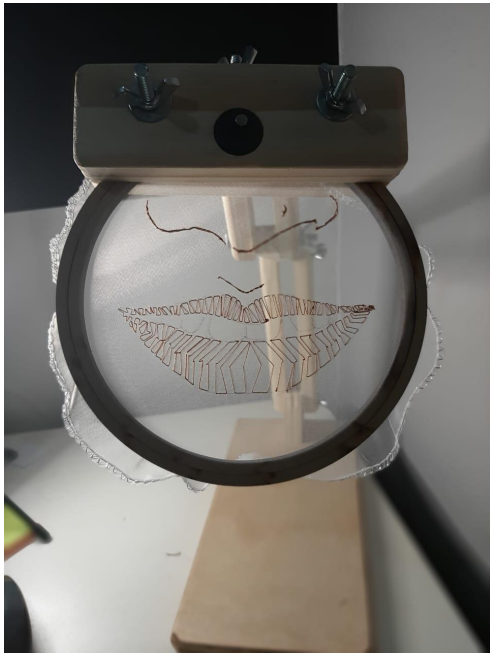


Figura 24 - Bordado fragmento boca e nariz de Elenice, não usado na exposição.

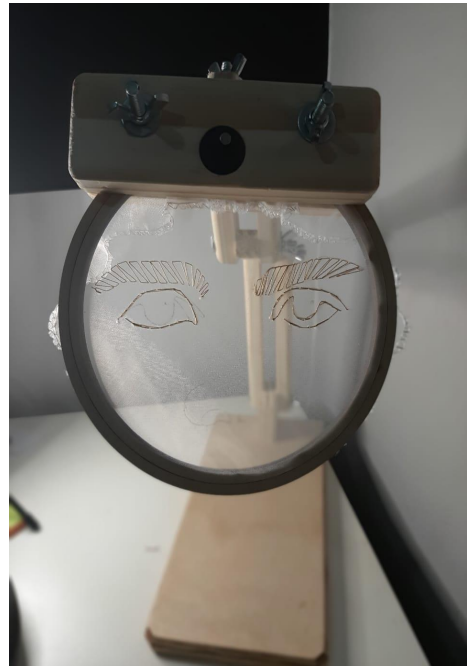


Figura 25 - Bordado olhos e sobrancelha de Lucília.



Figura 26 - Bordado do fragmento do rosto de Lucília.



Figura 27 - Bordado do fragmento da boca de Lucília.

Vazio cheio de significado.

Construção do “eu” por tantos nós, tramas, trespasses, tecidos, sinceridade, afeto e luz.

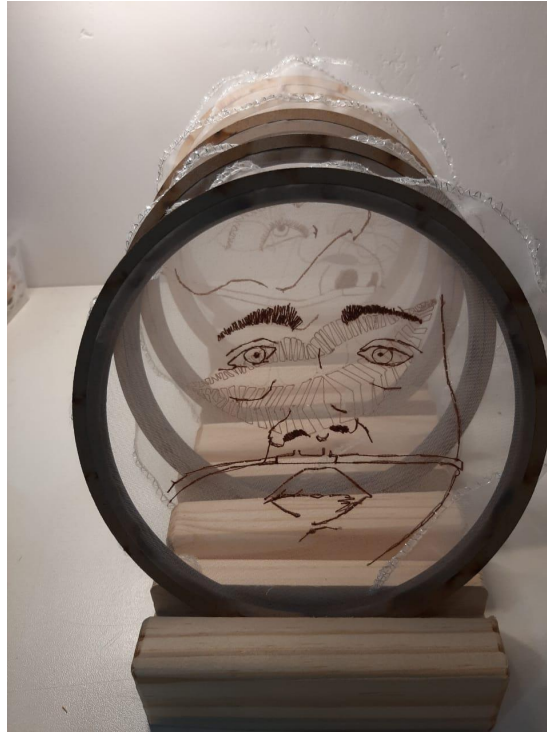


Figura 28 - Experimentação de uma possível instalação.

Na última imagem, uma experimentação de como os bordados poderiam ficar juntos, translúcidos, se misturam e mesclam. Quanto mais longe estiver, mais fica claro o apagamento do tempo. A execução estava em processo, outros riscos ainda viriam a compor a obra final, assim como mais fotografias serão analisadas. Dessa maneira, a elaboração do luto vem junto com esse projeto. Elaboração e construção de uma identidade que se inicia com relações maternas. A organização das peças dessa forma, fez parte da experimentação das possibilidades de como funcionaria uma instalação. Contudo, não foi utilizado para exposição. Ao menos não nesse momento.

## 2.1. COTIDIANO

Lavar, cozinhar, cuidar, colocar em ordem, gerir as economias, fazer compras, limpar o chão, lavar as louças, lavar o banheiro, guardar roupas, fazer café, separar remédios, limpar



o pó, varrer as folhas, aguar as plantas, lavar as roupas, dobrar roupas, ser produtiva, não perder a paciência, manter a calma, estudar e a lista segue.

A rotina que antes da pandemia era cheia de estudos e trabalhos fora de casa, perde espaço para um cotidiano acumulado de pontos cheios dos afazeres domésticos.

A pandemia de covid19 chega e modifica, ressignifica, reconstrói, destrói, quebra, ignora, força e reafirma espaços e quem os ocupa de modo que funções e lugares são invertidos, invisibilizados, ignorados e o conflito interno para não me tornar uma nova mãe do lar é enorme, desgastante, rotineiro e cruel.

Preciso experimentar novamente toda a luta e conquista que minha ancestralidade enfrentou para conquistar seus espaços de trabalho e lugares de fala. Agora me vejo obrigatoriamente nesse mesmo lugar. As conquistas nunca deixaram de acontecer, mas o sentimento de retrocesso e ocupação de lugares que não nos pertencem faz do cotidiano ainda mais pesado e doentio. Aprisionamento necessário para um combate pandêmico honesto, responsável e cuidadoso com o outro.

Início e fim de expediente já não existem. Tenho sensação de produtividade até antes de deitar na cama.

Com a pandemia de Covid-19, a imersão na casa acontece quase que como um rompimento de não aceitar a perda, romper com os lugares estabelecidos que fui ocupando durante os processos de luto e romper com a ideia de nunca mais ver alguém que se ama foi um processo longo. Uma tensão em oposição toma conta do espaço. Como se um bastidor apertasse o tecido de voal frágil. De um lado a vontade de permanecer naquele espaço que foi construído pelos meus pais e que cresci, um lugar nutrido de afetos, subjetividades, memórias, plantas, móveis, artesanatos, lugar esse que muitas histórias foram contadas, de riso fácil e alto, comida cheirosa, roupa estendida no varal, os interruptores com algum tipo de artesanato que minha mãe fazia. Do outro, a vontade de desaparecer com todas angústias.

A casa de portão azul, muros sem tinta, com um jardim no fundo cheio de vida das plantas. Um pé de amora no quintal que faz sombra e é suporte para o dinheiro em penca, begônias, samambaias, cercado de violeta, suculentas e a parede cheia de rabo-de-macaco (tipo de cacto que cresce e cai cheio de espinhos que lembra um rabo de macaco).

A casa que sempre foi dos meus pais e com a pandemia, fica ainda mais forte a dominação e pertencimento desses espaços. Casa que foi construída por eles desde o alicerce, pensado em cada espaço, cada persiana, porta e vitrais coloridos que ficam em cima formando um arco de cada janela pintada de um verde fechado e escuro. A casa própria sonhada por muitos trabalhadores. E foi nesse espaço que fui criada e onde permanece a identidade de Elenice Monteiro.

Utilizo do mesmo fio da meada encontrado nas palavras da artista Adrianna, quando diz que o lugar de onde saímos para onde voltamos constantemente se torna morada por esse movimento de ir e vir, feito como um alinhavo no espaço (ADRIANNA.EU, 2021). Construir reais moradas é primeiramente perceber a importância dos vazios, das mudanças e dos rascunhos permanentes e transitórios que podem ser construídos em camadas. A constituição de casa, como minha casa, acontecia também pela presença de uma mulher que enquanto presença física já não se encontra. A dificuldade em olhar para o meu vazio após a perda, me distancia desse reconhecimento do lugar e do espaço.

Essa casa não é minha, quem nela fazia morada já faz parte das lembranças impregnadas nas paredes, no teto, no chão, nas plantas...E todos os cantos que eram invisíveis se escancararam para mostrar o quanto é grande o vazio de querer enxergar o invisível aos olhos. Passar 29 anos da minha vida construindo caminhos de vida, significando lugares e espaços estava presente na memória.

O vazio é importante para que novas potencialidades sejam criadas. O vazio no voal existe para me escancarar razoavelmente a grandeza dentro de nós naquele espaço todo.

### 3. MATERIAL DIDÁTICO PENSADO A PARTIR DAS RELAÇÕES AFETIVAS

O processo do bordado acontece por atravessamentos, assim também foi meu processo de pesquisa e reflexão. Um destes momentos foi o da criação e elaboração de materiais didáticos através de uma disciplina na Universidade Federal do Sul da Bahia. Como parte do processo desta disciplina, mergulhei mais uma vez na subjetividade dos bordados para elaboração de tal conteúdo.

Primeiro me arrisco a reencontrar afetos, memórias, me arrisco também a olhar para o cotidiano, questionar os lugares, as escolhas, as ocupações, o toque, o vazio e as subjetividades. Faço das palavras de Angela Davis, uma costura com meus trabalhos quando se diz:

A arte é uma forma peculiar de consciência social, quem tem o potencial de despertar nas pessoas tocadas por ela um impulso para transformar criativamente as condições opressivas que as cercam. A arte pode funcionar como sensibilizadora e catalisadora, impelindo as pessoas a se envolverem em movimentos organizados que buscam provocar mudanças sociais radicais. A arte é especial por sua capacidade de influenciar tanto sentimentos como conhecimento. (DAVIS 2016)

O trabalho aqui proposto em formato de material didático é um convite a tramar conexões a partir de outra superfície provável de rasgo e fissura com ações provocativas de sentidos.

Para isso, a proposta é fazer cartilhas de papel com gramatura de 180, onde seja possível [a] riscar afetos. Esse material vai conter também a possibilidade do acaso a partir de um lance de dados, podendo perder e reencontrar o fio da meada no movimento repetitivo em entrar e sair com a agulha de um ponto a outro.

Como parte do cotidiano, listo aqui os materiais necessários para ação significativa:

-Agulha.

-Dois dados.

-Cartilha impressa em papel de no mínimo 180g.

-Linha de meada da sua cor de preferência.

A proposta deste material foi abordar questões de identidade, afeto, memória e questionar lugares cotidianos ocupados através das provocações propostas na própria cartilha. Acredito ser importante elaborar materiais didáticos significativos que valorizem e fortaleça a identidade dos estudantes, assim como o pertencimento étnico-racial, de modo que negros e negras se reconheçam em contribuições históricas, descentralizando o conhecimento e ampliando as possibilidades de aprender a partir de referências mais próximas e possíveis de acesso. Para isso compartilho das palavras de Bell Hooks:

Todos nós somos sujeitos da história. Temos de voltar a um estado de presença no corpo para desconstruir o modo como o poder tradicionalmente se orquestrou na sala de aula, negando a subjetividade a alguns grupos e facultando-a a outros. Reconhecendo a subjetividade e os limites da identidade, rompemos essa objetificação tão necessária numa cultura de dominação. (HOOKS, 203, p.186)

Pensando nessas relações as cartilhas podem ser usadas individualmente, em dupla, trios ou em pequenos grupos de até 5 pessoas, podendo acontecer também como ação coletiva e criação de um livro de artista.

Compartilho então, a proposta enquanto material para produção de sentidos:



Figura 29 - Material didático "Transbordo em afeto".



Figura 30 - Material didático "Transbordo em afeto".



Figura 31 - Material didático "Transbordo em afeto".

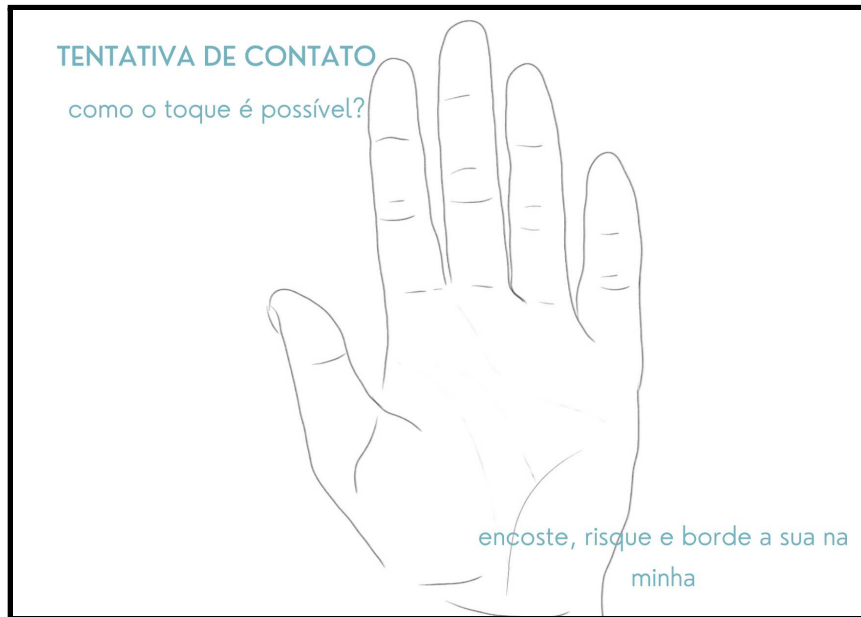


Figura 32 - Material didático "Transbordo em afeto".



Figura 33 - Material didático "Transbordo em afeto".



Figura 34 - Material didático "Transbordo em afeto".

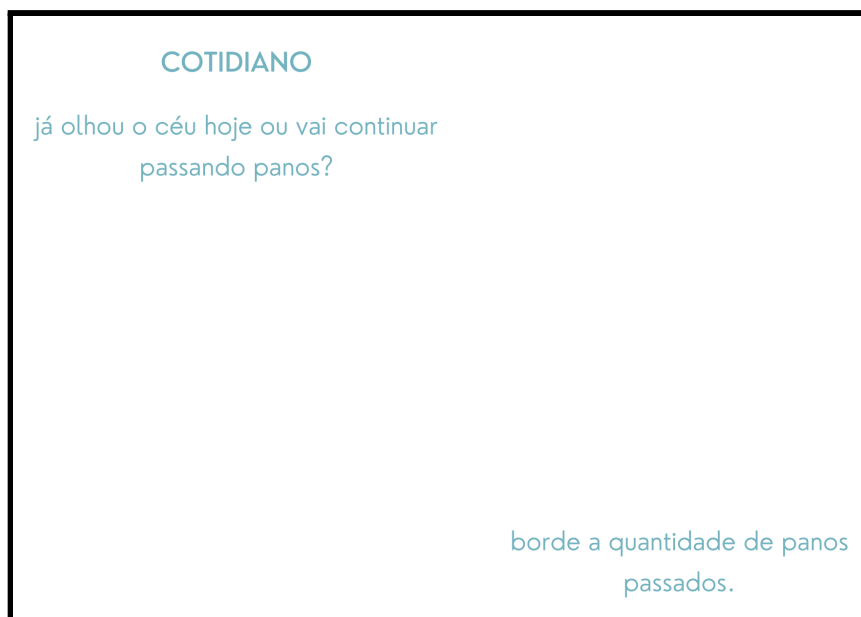


Figura 35 - Material didático "Transbordo em afeto".



Figura 36 - Material didático "Transbordo em afeto".

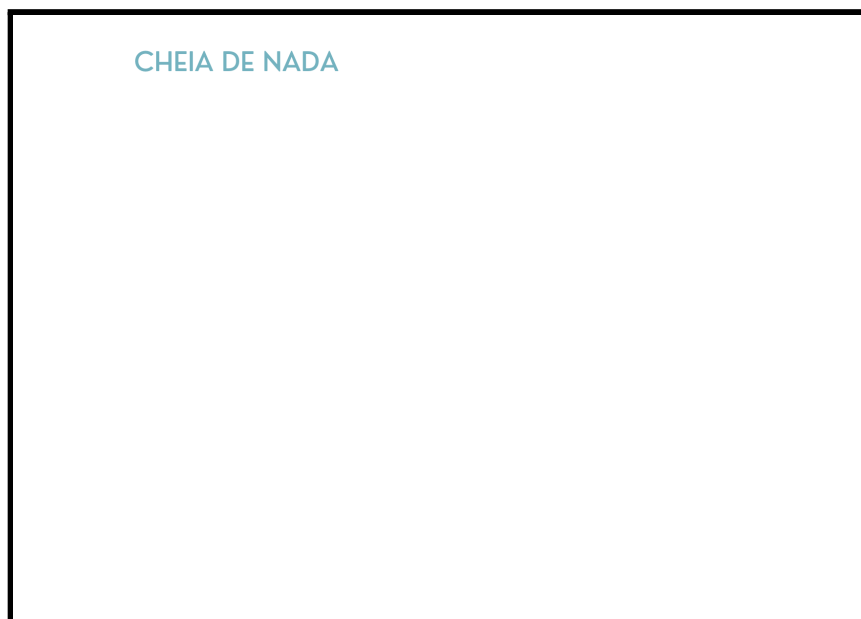


Figura 37 - Material didático "Transbordo em afeto".



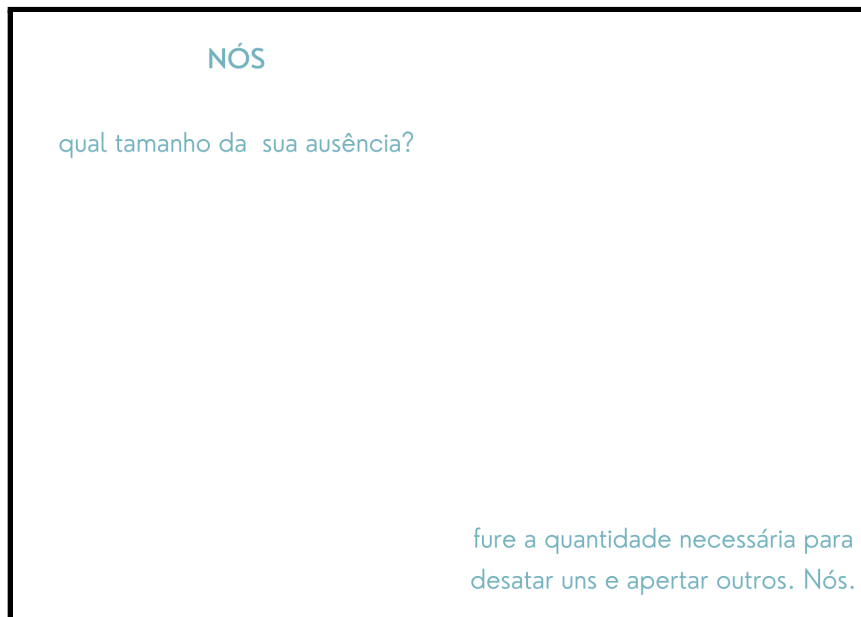


Figura 38 - Material didático "Transbordo em afeto".

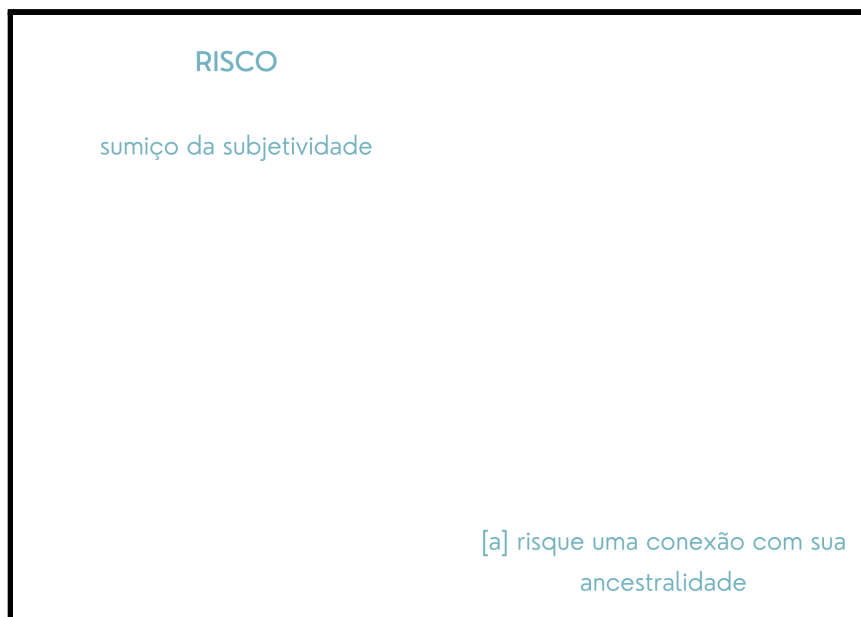


Figura 39 - Material didático "Transbordo em afeto".

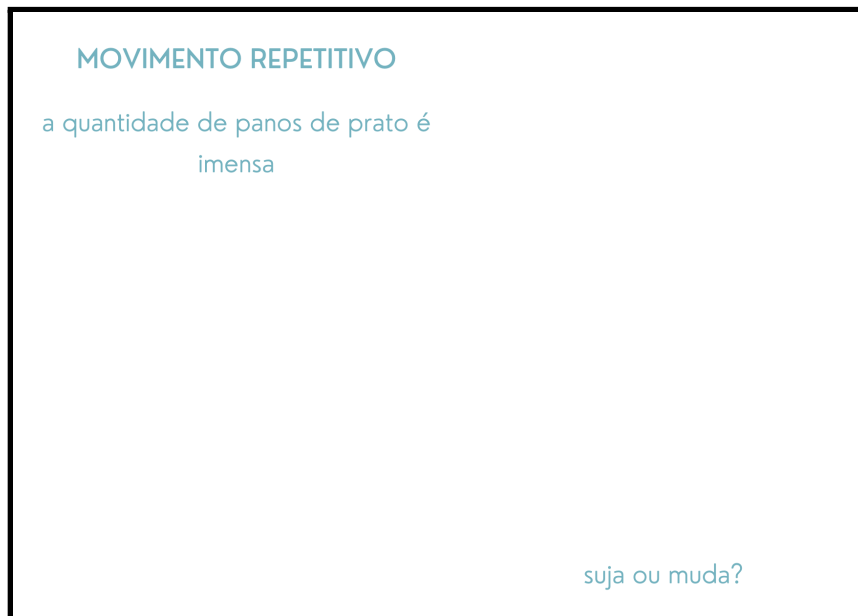


Figura 40 - Material didático "Transbordo em afeto".

A elaboração deste material didático, foi importante para pensar as práticas pedagógicas escolares a partir da minha linha de estudo. Sempre foi um desafio pensar em materiais que fossem possíveis em resgatar vínculos afetivos levando em conta questões de origens e ancestralidade, de modo que o assunto fosse abordado propondo conexões, ainda que nas entrelinhas sobre questões raciais. Penso em continuar o estudo e a elaboração desse e de outros materiais didáticos capazes de aproximação entre obra e artista, de maneira que o estudante se sinta autor dos seus trabalhos. Outra questão, seria evidenciar e enaltecer relações femininas negras com objetivo de diminuir as distâncias e acesso a obras e pesquisas de artistas negras.

Importante se atentar também às diferentes realidades de classe, sobretudo a trabalhadora e pobre nas salas de aula. Para isso devemos estar atentos a distribuição e acesso ao conhecimento, sabendo que a classe social molda valores, atitudes e relações sociais, o material e aplicação deve propor questionamentos às práticas tradicionais na sala de aula.

#### 4. SOBRE NÓS, LAÇOS E AFETOS

O quintal, lugar de convite, entrega, presença e permanência. As plantas, as flores, a diversidade de elementos no espaço, o vento, o pé de amora, os cactos, as suculentas, o alecrim, mas sobretudo, aquele quintal pertencia a minha mãe Elenice. O quintal que, juntas, pensamos na organização das plantas no espaço, tirávamos os matos que nasciam, mudávamos de lugar de acordo com a necessidade de cada plantinha.

Cada canto, pranto, manto me cobre de saudade de casa. As noites ficaram longas, as sensações intensas, a saudade grande e então, como diz Bachelard , “ a casa apertou-se contra mim, como uma loba, e por momentos senti seu cheiro descer maternalmente até o meu coração. Naquela noite ela foi realmente minha mãe”(BACHELARD, 1993). Saudade da casa que era abrigo, aconchego, denço, cheiro, abraço, amizade, confiança, acalento, segurança, amor. Sempre pude contar com ela, com a companhia, a presença, o compartilhamento, a minha história só teve sentido pela presença da minha mãe.

Onze bordados foram feitos a partir das fotografias que me atravessaram nesse processo de ressignificar o luto. Cada bordado foi pensado, riscado como dito antes, pelo atravessamento do *punctum* em cada fotografia. As expressões me carregam para lugares potentes de memória.

Por conseguinte, todos os abrigos, todos os refúgios, todos os aposentos têm valores oníricos constantes. Já não é em sua positividade que a casa é verdadeiramente “vívica”, não é somente no momento presente que reconhecemos os seus benefícios. Os verdadeiros bem-estares têm um passado... A casa, como fogo, como água, nos permitirá evocar na sequência de nossa obra, luzes fugidias de devaneio que iluminam a síntese do memorial com a lembrança. Nessa região longínqua, memória e imaginação não se deixam dissociar. Ambas trabalham para seu aprofundamento mútuo. Ambas constituem, na ordem dos valores, uma união da lembrança com a imagem. Assim, a casa não vive somente no dia-a-dia, no curso de uma história, na narrativa de nossa história. pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos.(BARTHES,2012 p. 25)

O quintal foi essencial para que a exposição das obras acontecesse. E foi tentando entender como expôr esses trabalhos que este espaço entrou no trabalho final. O espaço

precisa das obras bordadas com uma parte da subjetividade dessas mulheres e vice-versa. “Aqui o espaço é tudo, pois o tempo já não anima a memória. A memória - coisa estranha!...Não podemos reviver as durações abolidas”. (BACHELARD 1993). Sinto no quintal a presença de um fragmento das lembranças das minhas mães. Outro lugar não teria o mesmo sentido para receber as projeções das obras. O espaço acolhe, abraça e ampliam as lembranças quando recebem luz, atenção e cuidado.

As primeiras experiências ao iluminar meus bordados com uma luz da lanterna de celular e tentar projetar os desenhos/bordados nas paredes me demonstraram que aquele era um lugar potente, e que precisava de ser explorado. Mas, foi necessário pensar em maneiras para que a imagem fosse projetada. Pedro, meu irmão, me ajudou a pensar e testar diversas lâmpadas para criar essas projeções. Existiu uma colaboração familiar para que o trabalho acontecesse. Pensamos então, em um arame com um led soldado na ponta que articula e direciona a luz, o led, estava fixo no próprio suporte, posicionado antes do bordado. As pequenas lâmpadas, tinham um fio de energia que se conectavam a outro sistema de fios que foi ligado em série, como em pisca-pisca. Todos se conectam e a ligação acontece através de uma fonte que foi ligada na energia. Os bastidores e os suportes são feitos por fabricação própria do meu irmão Pedro, que utiliza pinus como matéria prima.

Foi feito um convite virtual, com visitação agendada e números de pessoas previsto de no máximo 4 por hora. As pessoas marcaram as visitas de acordo com a disponibilidade de horário que aconteceu nos dias 9,10,11 e 12 de outubro de 2021 das 19:00hrs às 21:00hrs. A previsão era que cada grupo com 4 pessoas ocupasse um horário para que não gerasse aglomerações.



Figura 41. Convite para exposição

No sábado, dia 9, foi aberto somente para família e foi lindo e emocionante perceber a relação deles com o espaço, memória, lembranças e como eles reconheciam as mulheres em cada imagem.

Na instalação final o olho precisa de um tempo para se acostumar com as projeções que a princípio parecem vestígios. O banner da exposição foi colocado na entrada da casa, anunciado para quem chegava que era ali, com muros da cor do reboco e portão azul, que acontecia uma intervenção artística. Tinha que ser assim como a casa é. A pouca luz se tornava convidativa para o espectador que chegava na porta e via algum vestígio de luz lá no fundo de casa. A descoberta de um espaço que se aparecia aos poucos.



Figura 42 - Entrada da casa da casa onde aconteceu a instalação. Foto: Clarissa Borges.

Nesta garagem na frente da casa é onde meu irmão Pedro tem uma oficina do onde deu início a fabricação dos artefatos constituintes desse trabalho.

A entrada convida, entre, mas entre com o coração de visita que chega e recebe, pois a casa te acolhe como quem abraça um filho depois do primeiro dia de aula na escola, como a filha que chega em casa com vontade de contar sobre o dia, os sorrisos, as dores e todas as estranhezas de ser quem é. Entre, mas venha sabendo que as lembranças têm tamanho da noite, do dia, da tarde e que a saudade por aqui é um tecido com tramas apertadas. Ou não,

entre sem saber mesmo, entre com a genuinidade de uma criança que sente medo do escuro, do vazio e da distância de quem se ama, venha com coração aberto para sentir o quanto pode ser imenso e profundo essa imersão num abraço com linhas, expressões, olhares, dores, lágrimas, chuva, terra, amoras e amores. Caminhe pelo corredor que dá acesso ao fundo de casa.



Figura 43 - Vista ampla da instalação no quintal quando entra chega na exposição. Foto: Clarissa Borges.

No fundo da casa o quintal está escuro, é iluminado pelas luzes dos bastidores. A disposição das peças é um convite a percorrer o caminho das projeções. A primeira imagem projetada é de Mãe Lucília, e o espectador tem que passar por esta imagem projetada, ser banhado por esta luz, como num portal que autoriza então a descoberta das outras imagens.



Figura 43 - Primeira imagem projetada, Mãe Lucília. Exposição, detalhes. Foto: Isabela Giorgiano.

Todas as peças são montadas com um led soldado na ponta de um arame que direciona a luz para o bordado. A imagem se desvela através do olhar e como a transformação acontece nessas experiências. Já que nunca mais nos encontraremos, o aumento da sua face de minha mãe acontece através da projeção nas paredes, para que fique impregnada no quintal junto com a vida das plantas, do chão, das flores e todas as miudezas. Amplio imagens de luto, saudade e olhares. O quintal me olha de volta. Duas pessoas representadas ali estão mortas e as outras duas estão vivas. A vida e a morte na mesma linha. Dualidade no espaço,



nas paredes, nas representações e em todos os cantos possíveis de serem vistos e não vistos pelos olhos.

A exposição convida o espectador também a uma imersão nas imagens e utilizar do flash do celular ou uma lanterna para manipular as projeções das imagens no ambiente.



Figura 44 - Exposição, detalhes. Foto: Isabela Giorgiano.



Figura 45 - Exposição, detalhes. Foto: Isabela Giorgiano.



Figuras 46, 47, 48 e 49- Exposição, detalhes. Fotos: Clarissa Borges e Isabela Giorgiano



Figura 50 - Exposição, detalhes. Foto: Isabela Giorgiano.

Encontro nesses cantos, formas de estar viva e permanecer, me reconhecer nesses espaços enquanto o for possível. E mais uma vez, encontro em Bachelard a possibilidade de “sempre sermos um pouco poetas, e nossa emoção talvez não expresse mais que a poesia perdida”(BACHELARD, 1993). Casa essa que promove graus intensos de profundidade e de encontro com outros seres através da lembrança. O lugar onde vivemos é um abrigo e tem

moradas dentro de nós. A configuração da casa e do quintal faz parte de como a vida acontecia ali.



Figuras 51- Exposição, detalhes. Foto: Isabela Giorgiano

Encontro a possibilidade de suportar a vida através desses afetos e laços. Para isso ocupo o quintal que era de Elenice Monteiro e reinvento o espaço da casa. Os cantos ocultam e apresentam a vida e “a função de habitar faz a ligação entre o cheio e o vazio. Um ser vivo preenche um refúgio vazio” (BACHELARD, 1993). E as imagens habitam.



Figura 52 - Exposição, detalhes. Foto: Clarissa Borges.



Figura 53 - Exposição, detalhes. Foto: Isabela Giorgiano.



Figura 54 - Exposição, detalhes. Foto: Isabela Giorgiano.



A instalação “Sobre nós, laços e afetos” fez parte também do fechamento de um ciclo, de uma despedida do espaço da casa e dos lugares simbólicos e sociais que ocupei depois da morte da minha mãe em junho de 2020. Ao percorrer a instalação, as pessoas que visitavam eram atravessadas, cada uma de um modo, vivenciando a relação com o corpo, espaço e as projeções. Como diz Jorge Larrosa Bondía<sup>2</sup> “é experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma” (BONDIA, 2002, p 27.). A instalação atravessa as folhas da amoreira, e de outras plantas a superfície de projeção, a luz, os sentidos e tudo pode se transformar de acordo com o ângulo que se olha. Se você olhar o bordado, terá um tipo de experiência ao olhar as projeções, outros sentidos são possíveis de atravessamentos.

---

<sup>2</sup> Jorge Larrosa Bondía em Notas sobre a experiência e o saber de experiência.

## CONCLUSÃO

O trabalho realizado foi um caminho percorrido no tempo entre estar viva e conseguir observar fotografias antigas e ressignificá-las de algum modo que fizesse sentido para possíveis atravessamentos. Para isso, foi importante entender lugares ocupados por mulheres negras, sobretudo minhas origens elaborando e alinhando os afetos.

A concepção deste trabalho consistiu primeiramente em entender o que se passava enquanto sintomas no meu corpo. De onde vem aquele nó que dificulta minha respiração, me paralisando e aperta meus sentidos. Então descobri que esses sintomas vêm do luto ao perder um grande amor. Aos poucos esses indícios se materializaram em olhares que são atravessados por fotografias antigas das minhas mães. Durante essas tramas, senti a necessidade em escrever duas cartas, uma para Brunna de 1992 e outra para Elenice, estes textos foram incluídos aqui, pois são também parte deste caminho.

Com o passar dos dias, fui me movimentando para desatar os nós através da escrita, do risco, do bordado, das linhas, cores, cartas e dos encontros com a arte. Entendendo as feridas e significados do que é a perda, da relação com tempo, espaço e das dimensões possíveis nesses vínculos entre nós, percebo que como a formação da minha identidade enquanto mulher negra artista acontece nesses laços afetivos que desde criança.

Para apresentar e relacionar essas questões, proponho um breve material didático que funcionaria como cartilha de encontro com memórias, ancestralidade e afetos. O que proponho é uma imersão poética utilizando agulha, linha e dados.

A instalação no quintal reforça a permanência simbólica e imaginária através das memórias dessas mulheres, evidenciando expressões faciais marcantes que dizem sobre a vida e a morte, aparecer e desaparecer, permanecer e partir, falta e presença, amor e medo, solidão e companhia, claro e escuro e dessa maneira, a imagem projetada na parede só é possível pela existência da luz. A imersão no espaço todo escuro nos leva a dimensões outras de sentidos e percepções através de encontros múltiplos.

Foram nessas potencialidades que a instalação aconteceu e não poderia ser em outro lugar senão na casa dos meus pais. Foram ao todo 11 bordados no bastidor de 16cm de

diâmetro, de quatro mulheres negras, que deixaram memórias e contribuíram para minha formação.

Como proposta de continuidade, seria interessante elaborar outros materiais didáticos capazes de propor essas conexões e interações enriquecedoras da prática educativa de ensino para que o estudante tenha outras percepções e relações com a sala de aula, propor novos questionamentos a respeito de questões raciais, ampliar a percepção da relação com espaço, para que seja possível falar de si mesmo como sujeito de história.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADRIANNA.EU. Alinhar moradas. 2021. Instagram: @adrianna.eu. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CT9WNVJLs83/>. Acesso em: 20 set. 2021

BACHELARD, Gaston. **A poética do Espaço**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1993.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, p. 20-28, 2002.

BORGES, Clarissa Monteiro. **O parto nas artes visuais: uma abordagem histórica e feminista do nascimento e da maternidade**. 2019. 318 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

COUTINHO, Andréa Senra; LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Artes visuais e feminismos: implicações pedagógicas**. *Revista Estudos Feministas*, v. 23, n. 1, p. 181-190, 2015.

DA MOTTA, Leda Tenório; FONTANARI, Rodrigo. Roland Barthes em **A câmara clara, o semiólogo infiel**. *MATRIZES?*, v. 6, n. 1, 2012.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. Boitempo Editorial, 2017.

GONÇALVES, Petronilha Beatriz et al. Crianças negras entre a assimilação e a negritude. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 2, p. 161-188, 2015.

HOMEM, Maria. **A RIDÍCULA IDEIA DE NUNCA MAIS TE VER | MARIA HOMEM**. [S.I]: Maria Homem, 2020. Color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UZERLuV9-WA>. Acesso em: 15 ago. 2021.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

OSSES, Patrícia. Eu não sei dizer: falta, silêncio e visualidade na Nevers de Marguerite Duras. **Revista Estado da Arte**, Uberlândia. v.2, n.1 ,p. 1 - 22, Jan./Jun. 2021.

ROSANA Paulino. 2021. **Color**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l7u-mrfq9fs>. Acesso em: 18 out. 2021.

GIUNTA, Andrea. El arte negro es el Brasil. **Transas, UNSAM**, v. 21, 2020. Disponível em: [https://www.revistatransas.com/2020/05/21/artenegro\\_brasil\\_giunta/](https://www.revistatransas.com/2020/05/21/artenegro_brasil_giunta/) Acesso em: 10 out. 2021.

PAULINO, Rosana. Site da artista. Disponível em: <http://rosanapaulino.com.br/> Acesso em: 19 jun. 2021.

MEDEIROS, Paula Laís Araújo de. **Memórias de Quintal**: a arte do encontro com a criança interior e os afetos de infância. 2015. Dissertação de Mestrado. Brasil. Disponível em: [https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/21728/1/MemoriasQuintalArte\\_Medeiros\\_2015.pdf](https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/21728/1/MemoriasQuintalArte_Medeiros_2015.pdf) Acesso em: 15 out. 2021.

DE ALMEIDA, Adris André. Dos Espaços Vividos: O Quintal Reabitado de Manoel de Barros. **Revista Rascunhos Culturais**, v. 2, n. 4, p. 73-89, 2011. Disponível em: [http://revistarascunhos.sites.ufms.br/files/2012/07/4ed\\_artigo\\_5.pdf](http://revistarascunhos.sites.ufms.br/files/2012/07/4ed_artigo_5.pdf) . Acesso em: 15 out. 2021.

STIGGER, Veronica. Retratos dentro da morte: a Série Trágica de Flávio de Carvalho. **Crítica Cultural**, p. 1000-1006, 2009. Disponível em: [https://www.academia.edu/6188232/Retratos\\_dentro\\_da\\_morte\\_a\\_S%C3%A9rie\\_tr%C3%A1gica\\_de\\_Fl%C3%A1vio\\_de\\_Carvalho](https://www.academia.edu/6188232/Retratos_dentro_da_morte_a_S%C3%A9rie_tr%C3%A1gica_de_Fl%C3%A1vio_de_Carvalho) . Acesso em: 03 out. 2021.

DE BARROS, Manoel. Menino do mato em Meu **quintal é maior que o mundo**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda, 2015. Disponível em: <https://educaemcasa.petropolis.rj.gov.br/uploads/bibliotecas/manoel-de-barros-meu-quintal-e-maior-que-o-mundo-pdf.pdf>. Acesso em: 03 out. 2021.

DOS SANTOS, Suzel Domini; BUSATO, Susanna. Manoel de Barros, o apanhador de desperdícios. **XV ABRALIC**, Experiências Literárias Textualidades Contemporâneas, s.d.